

# • C U Z C O •

(Fanny Luiza Dupré)

Do oasis de Arequipa, perdido entre o vasto e poeirento pampa peruano e a imensa cordilheira que leva a Cuzco, partimos na noite de 12, encantados com a paisagem deixada para trás. Chegamos à Capital arqueológica da América no dia seguinte às 18,30 horas, com permanência de três horas em Juliaca, ponto de baldeação, na manhã desse mesmo dia. Um pouco preocupados com altitude, pois o antigo Império Incáico encontra-se situado a 3.488 metros acima do nível do mar e pelas constantes informações de que muitos se sentem mal, atacados de "soroche" (enjôo ocasionado pela altitude), lá fomos desafiando o que pudesse haver. Antes de chegarmos à Juliaca, às 4 horas da madrugada, passamos pelo ponto mais alto da região, Cruzeiro Alto, localizado a 4.000 metros de altura. Nessa passagem, como prova de capacidade respiratória, alguns se sentiram mal, outros, entretanto, suportaram bem e entre estes, nós, que ao amanhecer não havíamos percebido Cruzeiro Alto. De Juliaca, subindo pela cordilheira, na mais bela das paisagens, pelo pitoresco vale regado pelas águas claras do Vilcanota, avistando nortes nevados, grandes campos cultivados e colheitas de trigo, vales e montes coalhados de carneiros e imponentes llamas de andar espaçado e porte alto, estações de ferro onde índios fazem seu pequeno comércio de carnes, manufaturadas de cerâmica e lá, chegamos, afinal, ao ponto visado: Cuzco: de praças e ruas incáicas, nos seduzindo pelo seu aspecto essencialmente típico. Seu clima temperado, de 12° grãos centígrados em média anual, primaveril, coberto de flores quase todo o ano, ideal para anemias e moléstias pulmonares, perniciosa para cardíacos. Na era incáica, no centro de todo o cerco da cidade, estavam radicados os índios conquistadores que formavam o povoado, distinguindo-se cada tribo pelas vestes, usos e costumes, conservados desde suas províncias de origem; dessa forma fácil se tornava à autoridades distinguir à primeira vista a que província pertencia cada índio. Nessa mesma parte central, localizavam-se as residências reais dos Incas, rodeadas pelas casas dos vassalos que se agrupavam ao redor do palácio a que pertenciam. Os primeiros palácios foram: Coklampata, de Manco-Cápac e Sinchi-Roca, hoje propriedade privada que conserva sólamente a Fachada de 60 metros de extensão, construída sobre um muro de pedras de granito e um pedaço de muro interno. Esses palácios encontram-se na Praça de São Cristóvão. O de Viracocha, o Inca dos sonhos, encontra-se no lugar da hoje Catedral. No local da Universidade e da Igreja da "Companhia", erguia-se o de Huayno-Cápac, chamado o Amarucanca. Outros palácios se levantam, altivos, nessa mesma região: o de Huáscar, na rua do Triunfo; o de Pachacutec, o Inca legislador, o de Yupanqui; o portal de Panes está no local do palácio de Inca-Rocca, o protetor da instrução pública. Na atual Prefeitura, residiu Francisco Pizarro. Na rua Coca, viveu Garcilaso de la Vega; na Praça de São Francisco, localizava-se a casa dos Condes de Casa-Palma e nela morreu o regente de Cuzco, Pardo, avô do estadista limenho D. Manoel Pardo. O templo e convento de São Domingos, estão construídos sobre o Ccoricancha, templo do sol, principiado por Manco-Cápac, concluído pelo Inca Yupanqui; quase toda uma dinastia trabalhou na construção desse sumptuoso templo. O convento de Santa Catarina ocupa a que foi casa das Virgens do Sol. Nos terrenos abaixo da Igreja de São Domingos, encontrava-se a célebre fábrica de fios e tecidos Ahuacpinta. As praças da Matriz, Regosijo e São Francisco, formavam uma só, onde eram celebradas as festividades públicas dedicadas ao sol. Na Praça da Matriz foi decapitado Túpac-Amarú, pelos espanhóis. Sacsaihuaman, a imensa fortaleza de rocha, circundava Cuzco, formada por tríplice muralha de enormes rochas de diversos tamanhos e formas. Essas muralhas são construídas por polígonos regulares e irregulares de dimensões diversas, com ângulos entrantes e salientes. Imortalizou-as o feito heróico de Inca-Cahuide, com o memorável sítio de Cuzco pelo Inca Cápac. O Rodadero encontra-se no Pulpito do Diabo e servia de diversão aos índios. É um grande penhasco, com algumas valetas rasas onde os índios se assentavam e vinham pedra abaixo, divertindo-se grandemente com esse ingênuo passatempo.

Inúmeros são os índios que transitam pelas ruas de Cuzco, conservando os mesmos usos e costumes de seus antepassados. Na era incáica a saudação mais usada era a seguinte: ama Illula, ama súa, ama equella, que no idioma "quechua" quer dizer: não sejas mentiroso, não sejas ladrão, não sejas preguiçoso. A feira de Pisac, localidade há alguns quilômetros de Cuzco, aos domingos, é um espetáculo digno de ser visto. Apresenta vários aspectos, reunindo considerável número de índios na sua única e principal praça, comerciantes de produtos diversos de sua labuta e manufaturadas de fios vários. A Igreja de chão batido e sem bancos, nessa mesma praça, vão elas e nela se fazem presentes alguns "alcaides" (chefes das diversas comunidades, escolhidos no dia 2 de janeiro de cada ano), vestidos de preto; ao final da missa, onde se ouvem sons semelhantes aos de cornetas, saídos de instrumentos de boca feitos com grandes conchas marinhas, são os alcaides alvo de homenagens dos seus súditos...

O espetáculo mais empolgante, porém, o mais digno de nota, é Macchu-Picchu, há 112 quilômetros de Cuzco, construída em uma altitude de 2.450 metros, há 2.000 ou 3.000 anos. No seu aspecto de organização é uma cidade perfeita, com seu palácio real, templo, bair-

ro militar, bairro operário, campos de culturas em forma de patamares, como todos os outros campos incâicos para esse fim, sala de castigos, etc. e um observatório astronômico, na sua parte mais alta, executado em três pedras, chamado em "quechua" intihuatana. É notável por suas construções quase todas intactas e pela beleza incomparável de sua paisagem. É um observatório (Macchu-Picchu) do qual se divisa, ao longe, os picos nevados da cordilheira e as comarcas pré-amazônicas, e mais próximo, montanhas cobertas de vegetação exuberante e um escarpado canhão pelo qual desliza um fio de água, é o Urubamba".

No vale ladeado de altos montes, alguns de 4.000 a 5.000 metros de altura corre o Vilcanota, caracterizado por suas belas águas verde-claro. Por esses montes existem, ainda, vestígios de caminhos incâicos, quase perpendiculares, que vão da base ao cume e por todo o percurso que nos leva a Macchu-Picchu, vemos aldeias de índios e pontes incaicas de construção pitoresca.

Assim deixamos Cuzco na manhã do dia 16 de julho de 1952, com destino a La Paz, via Puno e Titicaca, pelo vapor Ollanta, em uma travessia de 12 horas e mais duas e meia de estrada de ferro, deparando, da cordilheira, lá em baixo, circundada de morros, a encantadora capital boliviana, com seu formoso Illimani coberto, também, de alva neve.

São Paulo, Março de 1953.

